

serve de sol abandonará a sua força iluminante e calorífica... Tõda a vida então deixará de existir sôbre a terra que, astro morto, continuará a rolar sem fim no espaço sem limites... Então, de tõda a civilização humana ou sobre-humana — descobertas, filosofias, ideais, religiões — nada subsistirá. Não restará mesmo o que hoje nos resta do homem de Néanderthal (1), cujos restos, pelo menos, encontraram um asilo nos museus do seu sucessor... Nêste canto do universo será anulada para sempre a miserável e falaz aventura do protoplasma... Aventura que talvez já tenha terminado noutros mundos... Aventura que talvez noutros mundos se renovarã... E por tõda a parte alimentada pelas mesmas ilusões, acordará dos mesmos tormentos, por tõda a parte tão absurda, tão vã, tão necessariamente destinada desde o princípio à falência final e à treva infinda...

Ao homem efêmero, perdido no cosmos desmesurado, será permitido, ao menos, olhar-se como o depositário dum valor privilegiado que desafiaria as normas da duração e da extensão? Não se vê onde é que elle iria buscar a noção dum tal valor. Impossível, para elle, deixar-se embalar pela esperança de que participa seja lá do que fôr que o ultrapassa. O seu labor não se insere em nenhuma forma de absoluto. Tem de contentar-se com o seu domínio próprio, irremediavelmente fechado, incomunicável com domínios mais vastos. O único dever que lhe incumbe é melhorar o reino do humano e impôr-se sempre cada vez mais à natureza insensível. Seria em vão tomar-se pelo instrumento não se sabe de que desígnio e orgulhar-se de servir fins que o transcendem. Não prepara nada, nada prolonga, a nada se liga. Não é conivente — como o julgava Renan — duma « política eterna ». Tudo o que lhe diz respeito, tudo o que

(1) Um dos termos de trasição entre o antropóide e o Homem actual.

conta aos seus olhos, nêle começou e acabará com elle. Está só, extranho a tudo o mais. Em parte alguma encontra um éco, por discreto que seja, às suas exigências espirituais. E o mundo que o rodeia não lhe propõe senão o espectáculo dum hediondo e estéril carneiro onde brilha o triunfo da força bruta, o desdém pelo sofrimento, a indiferença pelos individuos, pelos grupos, pelas espécies, pela própria vida...

*

Tal é, parece, a mensagem da ciência. É árida. Deve reconhecer-se que até hoje, a ciência não tem feito senão dar ao homem uma consciência mais nítida da trágica estranheza da sua condição, acordando-o, por assim dizer, do pesadêlo em que se debate. É-se levado a desejar que no futuro ela aprenda a usar do seu poder para dispensar aos humanos a paz afectiva, o bem-estar moral. Poderia succeder, por exemplo, que os progressos da fisiologia cerebral, ou sim plesmente os da psicanálise, a puzessem na medida de modificar bastante profundamente as reacções psíquicas para que o individuo admita sem dôr as desharmonias inerentes ao seu estado.

A ciência foi tão longe, entretanto, que já não pode deter-se no caminho; devemos esperar que ela junte, à sua rude doutrina, métodos que preparem as almas para a receber.

Não basta, de facto, que ela nos ensine o nosso nada: é necessário que ela nos torne capaz de o tolerar. Não basta que ela nos tire a ilusão duma missão de infinitas seqüências: é necessário que ela nos arranque a sua necessidade. Não basta que ela nos despoje do sentimento da nossa liberdade: é necessário que ela regule o funcionamento da nossa máquina de tal modo que nós nos aceitemos como máquina.

E' possível que uma ciência poderosa conseguisse, definitivamente, crear êste novo homem adaptado ao humano, satisfeito com ser aquilo que é, limitado pelo seu estreito destino, curado de todo o sonho que o ultra-